

Suplemento Cultural

Da Poesia, do Livro e a importância das leituras ecléticas

RUBENIO MARCELO - POETA/ESCRITOR E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL

A poesia é uma das mais antigas formas de expressão. Como sabemos, o exercício poético é milenar e tem testemunhado os tempos, materializando rebentos da suprarrealidade e transcendendo os acontecimentos. Assim, entendo que, mesmo com todas as dificuldades, a boa poesia sempre ostentará o seu lugar de realce.

O meu 'encontro' com a arte poética surgiu naturalmente, revestido de uma espontânea tautocronia, que talvez tenha se estabelecido - numa simbiose congênita - ainda muito antes da minha verdadeira percepção de Poesia. Assim, quando notamos, já estávamos ali - lado a lado - eu e ela, em integrações harmônicas nos desvãos da essência. As minhas primeiras 'experiências' literopoéticas vão desde as lembranças familiares (minha mãe, que sabia de cor vários folhetos cordelianos; e meu pai, que gostava de recitar sonetos), ou os cantares dos Irmãos Maristas que me declamaram os primeiros versos religiosos (quando estudava em regime de internato), passando pelas fábulas de Esopo e La Fontaine, as expressões da poesia popular, até a leitura dos chamados 'clássicos' ou cânones da literatura.

E os livros... Como poderia eu não destacá-los? Se me vi convivendo com eles desde cedo: numa época ainda não

“

(...) as boas leituras podem servir de bases permanentes. As leituras de infância contribuíram, certamente, para o aspecto lúdico que julgo presente na minha produção poética.”

afeita à magia dos impulsos da web-hipertextualidade de hoje; se cresci no meio deles, numa empatia arrebatadora que me seduziu ainda menino, e - assim, quase sem querer (querendo!) - tornei-me um fiel admirador do magnetismo contido no



Falecido em 08.07.2002, Patativa do Assaré teve sua obra estudada na Sorbonne - universidade da França.

substractum dos impressos bibliográficos. Eu, que bem cedo senti uma forte propensão pela poesia, posso garantir que - mesmo nesta época hipermediática atual - os livros palpáveis me fascinam, pois fizeram (e fazem) parte do meu ser, completaram meus dias, enfeitaram meu mundo e iluminaram minh'alma. E neste particular, estou com o escritor mexicano Carlos Fuentes: "O livro é um ser de carne e osso", e fico sempre a lembrar Emily Dickinson: "Não há melhor fragata que um livro para

nos levar a terras distantes".

Aliás, aproveitando este ensejo, já comunico [aos amigos] que - na próxima noite de 29 de abril (no Auditório do CREAMS) - estaremos lançando a nossa décima obra autoral: o livro de poesia 'Veleiros da Essência', que traz apresentação da amiga e confeitira Raquel Naveira e prefácio de José Fernandes.

Já foi dito que a poesia é a "infância reencontrada" (não foi assim a definição de Baudelaire?). Por sua vez, o poeta cearen-

se Francisco Carvalho afirmou que "os grandes autores nos influenciam pela vida inteira". Sim, as boas leituras podem servir de bases permanentes. As leituras de infância contribuíram, certamente, para o aspecto lúdico que julgo presente na minha produção poética. Com o decorrer do tempo, delineei a minha individualidade literária. Contudo, posso dizer que 'minhas influências' são perenes 'iluminações' de autores aos quais eu tive acesso e ficaram latentes em mim. Destarte, se, por um lado, tenho admiração pela obra de Augusto dos Anjos, Drummond, Bandeira, Gullar, ou Shakespeare, Neruda, Pessoa (ou ainda a prosa poética de Alencar), não posso deixar de enaltecer, por exemplo, Patativa do Assaré: Antônio Gonçalves da Silva, o maior poeta popular que o Brasil conheceu (em minha opinião). Além de ter acesso à beleza da sua obra, eu tive a felicidade de participar, na 'Terra da Luz', de eventos que contaram com a presença ativa de Patativa, que foi 'um popular' e 'um erudito', um menestrel que influenciou muita gente, e que teve livros seus estudados na Sorbonne (universidade da França), bem como recebeu títulos de "Doutor Honoris Causa", não obstante ter possuído pouquíssimo período escolar.

De Mallarmé a Assaré, viva a autêntica arte literária!

O Grande Belmar Fidalgo

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO

BELMAR FIDALGO nasceu na antiga vila de Três Lagoas, município de Santana do Paranaíba, sul de Mato Grosso, no dia 2 de novembro de 1917. Hoje Três Lagoas é uma das mais importantes cidades de Mato Grosso do Sul. O menino Belmar, filho de Felix Fidalgo e Regina Zambelli, teve uma infância como as outras crianças da época. Nos primeiros anos de estudo foi atraído pelo futebol e já aos 10 anos foi fichado como atleta mirim do Comercial Esporte Clube da cidade, sempre incentivado por familiares e verdadeiros amantes do futebol três-lagoense.

O rapaz Belmar Fidalgo veio para Campo Grande cumprir o serviço militar no período conturbado da Segunda Grande Guerra Mundial, servindo como sargento no saudoso 18º BC. A sua inclinação militar veio dar oportunidade de ligar uma coisa à outra. Dono de um grande espírito de liderança, o sargento Belmar, organizava grupos, primeiro dentro do quartel e, depois, entre civis e admiradores, para a prática do esporte.

Acompanhou, desde o início, os primeiros

movimentos esportivos, principalmente o futebol, em Campo Grande. Ajudou na fundação dos primeiros clubes de futebol e como atleta defendeu a bandeira alvi-celeste do Juventus. O futebol na década de trinta era novidade e dele participavam pessoas humildes, trabalhadores, construtores, comerciantes, e estudantes, além de militares. O sargento Belmar atendia a todos com muita cordialidade, ensinando, com sua conduta, a necessidade do respeito e da lealdade - elementos imprescindíveis nas relações esportivas.

Como atleta nunca chegou a ser monumental, mas o foi como líder, inspirando o respeito entre atletas e dirigentes. A obediência aos regulamentos, o respeito aos árbitros e a dignidade esportiva sempre foram as bandeiras maiores daquele center-half elegante e cortez, fazendo justiça ao sobrenome FIDALGO.

A simples presença de Belmar num jogo era motivo de festa silenciosa. As pessoas sentiam a importância de alguém em que podiam se espelhar. O elevado espírito de solidariedade foi, sem dúvida, o grande atributo desse extraordinário desportista

três-lagoense, que, sempre rodeado de amigos, viveu seus últimos dias na sua já querida Campo Grande, onde residia na Rua Maracaju.

O acadêmico Julio Guimarães, comentando sobre o inesquecível atleta, disse: "Belmar Fidalgo era uma pessoa de requintada educação, dono de uma humildade a toda prova, de uma disciplina consciente e de uma maneira peculiar de combater a violência na prática do futebol".

O exemplo de Belmar Fidalgo ficou cristalizado na homenagem outorgada pelo prefeito municipal de Campo Grande, Wilson Fadul, no dia 13 de outubro de 1953, quando assinou o projeto, votado pela Câmara Municipal, de autoria do Vereador Nelson Borges de Barros, que transformou o Estádio Municipal da cidade em ESTÁDIO MUNICIPAL BELMAR FIDALGO. Hoje, o estádio é chamado de Praça Esportiva Belmar Fidalgo, projetada pelo então prefeito municipal Juvêncio Cesar da Fonseca, no dia 26 de Agosto de 1994, fazendo parte das comemorações do 95º aniversário da nossa Campo Grande.

BODAS DE OURO

FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES

"Vossa palavra, Senhor, é um facho a iluminar nossos passos, é uma luz a guiar nossa vida". É o que diz o Salmo 118.

Na reta que vai de Campo Grande a Sidrolândia, na altura do Bolicho Seco, há uma entrada à esquerda. Mais oito quilômetros e avista-se a fazenda POTREIRO, uma das mais antigas do município de Sidrolândia e muito bem montada. Lá celebri, no dia 5 de setembro de 1987, uma santa missa em ação de graças pelos 50 anos de casamento religioso dos srs. Oscar Pereira Nantes e dona Liberalina Pereira Nantes (primos de sangue). Ele com 75 anos de idade e ela com 71. Um casal feliz, uma relíquia dos bons casamentos, exemplo de perseverança e de fé para a formação da família na base da região cristã.

Pela manhã, aquele corre-corre para a maior organização possível da festa. Formou-se a comissão de recepção das pessoas convidadas, a comissão para preparar as mesas do churrasco, os foguistas e churrasqueiros, do enfeite, da liturgia e dos cânticos; das senhoras preparando os pratos de iguarias especiais de acordo com o estilo da festa.

Chegou também o grupo de cantores e do conjunto musical para abrilhantar a solenidade. Os fotógrafos e filmadores.

Estava já na hora da celebração. Os "noivos" apressados em vestir o traje de gala, já há muito guardado no armário, as últimas espelhadas para serem-se a jeito, as derradeiras penteadas nos cabelos, os poucos que ainda restavam, tudo brilhava na imaginação de cada pessoa.

O povo reunido na sombra das frondosas mangueiras, esperando. Num dado momento, o diretor da festa deu o "toque de corneta". Os noivos "vêm vindo de passito em passito" em direção ao mangueiral. A "noiva" mais esperta, porque mais nova, estava uns passos à frente. Logo atrás, vinha o "noivo" conduzido pelos filhos, bem devagar, porque com reumatismo nas pernas, porém, bem pilchado, de chapéu de aba grande na cabeça e um pala nos ombros, campeirão bom e direito. Elá vêm eles. Ela sorrindo e ele quietão, mais sério que nem "peru na chuva ou cusco embarcado".

As bancadas do mangueiral estavam todas ocupadas. O mundão levanta em pé e canta para os aniversariantes: parabéns a vocês... eles vêm aos pouquinhos, como noiva entrando numa igreja, para dizer: "Hoje, o dia é nosso. Devagar! Para que tanta pressa?"

O freijá está à mesa do altar, de alva e estola doirados, porque são Bodas de Ouro. Na mesa, flores ao redor da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Velas acesas. O celebrante dá o motivo da missa e convida a todos para

uma grande concentração de ação de graças pelos 50 anos de vida matrimonial dos homenageados. A parte litúrgica é começada com uma apresentação de vozes cristalinhas cantando e fazendo as leituras, comentários, preces dos fiéis, etc. O sacerdote, na hora da bênção das alianças, faz uma exortação aos aniversariantes de Bodas de Ouro matrimoniais e aos presentes, dizendo:

"Hoje em dia, um casal chegar às alturas de 50 anos de casado, é coisa rara, uma relíquia, entre os pares a mais querida, elogiada e comentada. Muitos não chegam a esta altura, decerto, será por motivos de extravagâncias no comer e no beber, no trabalho excessivo de ocupações extensas e de preocupações exaustivas, ou senão por "quebra" de amor genuíno, que se perdeu por descuido.

A aliança, muitas vezes, pode ser das melhores da loja, das mais ricas, de 18 quilates acima, mas se lá dentro, no coração, existir a traição, o desamor, o matrimônio desmorona e vai tudo por água abaixo. É preciso muita paciência, muito amor à família, muita fé em Deus.

Em seguida, após as bênçãos das alianças, o frei convidou o filho mais velho dos homenageados para colocar a aliança na mão do pai e a filha mais nova para por a aliança na mão da mãe. Uns beijos. Fotos e filmagens. Vivas. Um grande bate-palmas e um caloroso Parabéns a vocês... "Stop", encerrou-se a cerimônia religiosa do dia.

POESIAS

JAZIGO DE UM POETA

(Para ser lido em sua lápide)

Vivo! Vendo e sorrindo à plena vida,
Ouvindo o som do mundo, a voz do dia...

Foi assim, meu irmão da térrea lida,
Que pensei escrever-te esta poesia;

Como recordação de quem foi vivo,
Sofreu, gozou, num mundo vago e torto...
Para que em vida lesseis tão cativo
Os vivos versos do poeta morto!

A tela

Deus pintou o mundo multicolor.
Usou cores quentes e cores frias.
Mostrou sua energia em tudo que fez:
Desde a terra marrom e quente,
Contrastando o azul do céu com placidez.

Árvores e relvas harmonizam no verde,
A estufa de crateras cinza e líquida
Neutralizando em prata, abruptos ermos,

Em paraísos de véus de noiva.
Esborrfou seu pincel de vermelho,
Laranja, amarelo e até de roxo.
Por todo o universo, e palhetou
O céu de ouro, ocultando o negro espaço.

E nós o imitamos na tela fria.
Na sua imagem, contemplamos o mundo.

Transpomos para a tela branca e vazia
Sua perfeita criação, eternizando tudo.

Quem somos nós, privilegiados animais?
Donos da terra, de orgulho e fantasias?

Controlando répteis, aves e tudo mais,
Mudando o curso de rios, que é a alma

Da flora, num sobrevoo de

Qual tu, tive ilusões, vi este sol!
Sofri desgraças, tive também sorte,
Vesti manhãs, pintei-me de arrebol...

E eis em treva o que fora vivo e forte...
Mas sempre há luz de Deus como um farol

A clarear o obscuro do pós-morte!
Em 04/09/1974

GERALDO RAMON PEREIRA

amargura,
Ordenando, matando e pedindo calma!?

Se transpuséssemos ira na tela imitada,
Seria invertida a ordem da tela pintada.

Rios e grotões seriam lágrimas de Deus,
e o buraco negro, seu coração machucado.

Somos ainda racionais de face imperfeita...

Buscamos religião e somos ateus,
buscamos amor e ele sangra em cálice de vitória.

O mundo é velho e sempre é a mesma história.

Vamos reconstruir a tela do mundo!
Reaprender sua ordem com respeito,
Antes que a sede nos faça moribundos.

Reconstruir dentro e fora o seu feito,
E com certeza usaremos sete mil dias,
E ainda assim não ficaria tudo perfeito.

Refletiria na tela um poder de alquímia
E Deus perdoaria, mesmo estando imperfeito.

ELIZABETH FONSECA

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

A CONVITE, O POETA RUBENIO MARCELO REPRESENTA A ASL HOJE (EM COXIM) NO 'I ENCONTRO INTERMUNICIPAL DE POETAS E DECLAMADORES' - Atendendo a convite oficial, o acadêmico e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, poeta Rubenio Marcelo, estará

na noite de hoje participando do 'I Encontro Intermunicipal de Poetas e Declamadores', que acontece em Coxim/MS, reunindo entidades culturais e expressões literárias da região. Além de falar de sua obra e da Academia, Rubenio estará fazendo a doação de Revistas da ASL para a organização do evento.